

A objetividade jornalística nos relatos das notícias por meio das lentes de Phil Sheldon da HQ *Marvels*¹

Ana Carolina de Mattia Honorato²

Nadia Couto³

Faculdade Satc, Criciúma, SC

RESUMO

O presente artigo tem como intuito analisar a objetividade jornalística na história em quadrinhos *Marvels*. Na revista, Phil Sheldon é um fotógrafo e jornalista que acompanha os fatos mais importantes da indústria *Marvel Comics*, entre 1939 e 1974. No jornalismo, a objetividade jornalística é um ideal a ser alcançado, e com base nos autores estudados para atingir essa convicção o profissional deve ser objetivo e imparcial. O artigo foca na mudança do comportamento do personagem durante os anos e como isso interfere no julgamento do profissional por meio da objetividade. O trabalho tem como base Luiz Amaral (1996), que ressalta que a ideologia estão interligados com o comunicador. Desta forma, constatou-se que Phil Sheldon não conseguiu atingir o ideal de objetividade, que como no profissionalismo real a sua subjetividade está presente na apuração dos fatos.

PALAVRAS-CHAVE: História em quadrinhos; objetividade jornalística; Phil Sheldon; *Marvel*.

1 INTRODUÇÃO

A história em quadrinhos (HQ) já era na Idade Média um dos meios de comunicação. Conforme Pato (2007), eram tiras em sequência com histórias narradas em imagens, lembrando o formato da HQ do século XX. O autor afirma que em 1830 foi lançado um produto precursor das atuais HQ, uma folha com 20 quadros ou vinhetas consecutivas contempladas com texto sob cada uma delas, narrando uma história.

Conforme Chagas (2008), apenas em 1938 apareceu o primeiro super-herói dos quadrinhos: Homem-Aranha. Mas a *Marvel Comics* trouxe outro ponto de vista nas tirinhas, que não fosse dos heróis, mas dos jornalistas, como fez com *Marvels*, lançada em 1994, escrita por Kurt Busiek e ilustrada por Alex Ross. Segundo Santos, Reis e Brito (2018), a aventura tem início quando Phil Sheldon percebe que sua cidade havia mudado, que seres extraordinários, chamados na obra como “maravilhas”, começaram a fazer parte

¹ Trabalho apresentado na IJ de Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Recém graduada do Curso de Jornalismo da Satc, e-mail: caroldemattia@hotmail.com

³ Professora e orientadora do Curso de Jornalismo da Satc, e-mail: nadia.acouto@gmail.com

da vida de pessoas comuns. De acordo com os autores, a revista aborda os principais eventos do Universo *Marvel* sob a ótica de Phil Sheldon, um fotógrafo/jornalista que mora na cidade de Iorque.

Uma das questões mais abordadas na área jornalística é a objetividade. A base referencial utilizada neste artigo é a objetividade jornalística, que segundo Melo (2006) ocorre quando a informação possui uma posição de neutralidade e imparcialidade. O autor ainda acrescenta que o jornalista não deve interferir na sua transmissão e se manter objetivo e imparcial. Mas Amaral (1996) apresenta outro ponto de vista, em que a objetividade jornalística não é perfeita. Conforme o autor, as pessoas são prisioneiras de sistemas de valores adquiridos, os atos são influenciados pela própria maneira do indivíduo ver o mundo. Todos possuem seus preconceitos, preferências políticas, crença religiosa, ideias de perfeição e frustrações.

Outros autores, como Melo (2006) e Brixius (2006), apontam que o jornalista deve possuir um espaço adequado para expor sua opinião, e não durante a notícia. Dessa forma, a análise do presente artigo visa verificar se Phil Sheldon interfere e participa dos acontecimentos da história. Tem-se como problema: de que forma a objetividade jornalística está presente nas notícias feitas por Phil Sheldon envolvendo os heróis na HQ *Marvels*?

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar como a objetividade jornalística está presente nas notícias envolvendo os heróis feitas por Phil na história em quadrinho *Marvels*. Já os objetivos específicos são: abordar a objetividade jornalística; avaliar o comportamento de Phil Sheldon na cobertura dos fatos que ocorrem na HQ *Marvels*; analisar as semelhanças entre o jornalista da história em quadrinhos e o profissional da vida real.

A comunicação está presente em novos meios, no cinema, nas séries e também nas histórias em quadrinhos, como no caso da revista *Marvels*, em que os relatos são feitos por uma pessoa comum, e não por um herói, e este personagem ganha um destaque na história. Quando o comunicador está todo dia no meio do caos da vida urbana e até que ponto isso interfere no seu julgamento sobre o fato.

Para atingir o propósito deste trabalho, estabeleceu-se os seguintes procedimentos metodológicos: do ponto de vista da natureza, a pesquisa é básica. A abordagem do problema é qualitativa. Da perspectiva dos objetivos, é exploratória, e com relação aos processos técnicos é bibliográfica e estudo de caso.

2 COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Os meios de comunicação com o passar dos anos estão mudando a sua forma de atuação, principalmente com o advento da internet e as redes sociais. A história em quadrinhos está presente na comunicação desde os primórdios, com as pinturas rupestres. Nesse sentido, Alves (2001) cita que há vestígios de narrativas pictóricas desde a pré-história.

Os desenhos que contam histórias estão registrados em muitas civilizações antigas, como o antigo Egito. Mesmo com o surgimento de muitos fragmentos da história em quadrinhos, os pesquisadores, conforme Pato (2007), consideram a primeira HQ a *Yellow Kid*, de 1894, feita pelo norte americano Richard F. Outcault para o New York World.

Presente até hoje, a história em quadrinhos surgiu no século XX. Pato (2007) afirma que os quadrinhos tiveram participação expressiva na consolidação dos empreendimentos jornalísticos, tornando-se um produto de consumo em massa. “A veiculação em jornais diários voltados para o público adulto e a crescente guerra pelos leitores ampliaram seu alcance, limitado anteriormente por serem apresentadas apenas em livros ou álbuns, distantes do poder de compra da maioria da população” (PATO, 2007, p. 31).

De acordo com Silva (2008), além do entretenimento fornecido pela obra, o leitor também poderá encontrar valores. “Além da arte como fruição estética e entretenimento, ao historiador é fornecido a possibilidade de analisar valores contidos na obra. [...]”. (SILVA, 2008, p. 15).

O jornalismo e as histórias em quadrinhos sempre caminharam juntos. Mas hoje as HQs também estão em outro meio de comunicação: os cinemas. Conforme o jornalista Gustavo Brigatti até 2020 são previstos 27 filmes com gênero de super-heróis que irão lançar nas telonas. Para Aranha e Moreira (2009), as adaptações das HQs para o cinema são para atingir um novo nicho de mercado.

Essas adaptações visam uma ampliação do público consumidor de filmes, atingindo novos nichos e criando – ou recriando - um produto que já mostrava seu potencial lucrativo com as eventuais experiências anteriores. As produtoras apostam na massa de espectadores sem perder de vista a lógica do mercado (ARANHA; MOREIRA, 2009, p. 87).

Nos últimos anos, os filmes de super-heróis estão entre os mais vistos do mundo, com bilheterias chegando a bilhões de reais. Segundo matéria publicada no Portal G1⁴ pelo jornalista Cesar Soto, todos os filmes lançados nos 10 anos da *Marvel* somam mais de R\$ 51 bilhões de bilheterias ao redor do mundo.

3 OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

O termo objetividade jornalística ganhou força no momento que o jornalismo adquiriu autonomia social. Segundo Melo (2006, p. 37), ocorreu quando a reprodução e a análise da realidade se tornaram atividade “livre, regular e contínua” por meio dos veículos de comunicação. Isso ocorreu após a revolução burguesa, quando a atuação do jornalismo nos países europeus ficou com duas vertentes. De acordo com Melo (2006, p. 37), as posições iniciaram na França e na Inglaterra. “Na França, emergiu um jornalismo opinativo – apaixonado, vibrante, impetuoso - predominando o fluxo de interpretações da realidade”. A Inglaterra seguiu outro caminho. “Na Inglaterra, firmou-se um jornalismo objetivo – racional, contido, comedido – imperando o relato dos acontecimentos, isolado do comentário”.

Já nos EUA, o estudo da Penny Press favorece a compreensão da incorporação do conceito de objetividade no jornalismo. Seguindo o pensamento, Amaral (1996) também completa que os periódicos eram mantidos pela publicidade, a circulação de jornais de um centavo ampliou o público. O autor afirma que a imprensa nesse período mudou a sua visão. “A passagem de uma imprensa politizante para uma imprensa comercializada. A partir de então, a objetividade [...] passa a se identificar com uma mistura de estilo direto, imparcialidade, factualidade, isenção, neutralidade, distanciamento” (AMARAL, 1996, p. 26).

O jornalista deixaria em casa as suas normas, princípios e referências políticas e ideológicas, focando assim na narração dos fatos, sem tentar explicar ou comentar os ocorridos. De acordo com Amaral (1996, p. 26), essas exigências carecem de sentido desde que o relato dos fatos e comentários batam de frente com o interesse do proprietário

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/vingadores-guerra-infinita-encerra-10-anos-de-historias-da-marvel-e-o-grande-final-diz-chris-pratt.ghtml>. Acesso em 6 de maio de 2018.

da empresa. “Quando os valores do repórter e do redator coincidem com os da empresa para qual trabalham, eles não precisam ser excluídos”.

Para Melo (2006), o termo objetividade significa reproduzir o real, por meio das lentes de aumento da imprensa. O jornalista deve ser fiel aos acontecimentos e noticiá-los como realmente aconteceram, e assim permitindo que ganhe repercussão como exatamente ocorreu, mas sem tirar a permissão do profissional em expor sua opinião. “Isso não exclui a possibilidade de o jornalista expressar seus próprios pontos de vista (julgamento, valorização), sobre os fatos em espaço apropriado para o jornal” (MELO, 2006, p. 38). O conceito não tira o direito de o jornalista expor sua opinião, mas o periódico tem um espaço apropriado para fazê-lo, deixando a narração dos fatos livres de ruídos.

Segundo Brixius (2006), os veículos de comunicação não podem esquecer do público, são eles que compram um discurso de isenção, confundido com a objetividade. Brixius frisa que as notícias são feitas de escolhas. “As notícias, seriam, então, resultado de escolhas, marcadas por opções subjetivas ou atendendo aos critérios de noticiabilidade, que contribuem para a constituição do discurso de objetividade” (BRIXIUS, 2006, p. 15).

Autor ainda afirma que por meio da objetividade é possível a fidelidade do fato, porém afirma que a realidade é incapaz de ser apreendida. “Há as teorias que tratam da notícia enquanto construção da realidade, diagnosticam a incapacidade da realidade ser apreendida, não só pelo jornalismo, mas por todos na sociedade” (BRIXIUS, 2006, p. 15). Ainda assim, o termo tem um objetivo estratégico perante o público. “A objetividade seria um recurso estratégico para legitimar o jornalismo perante o público. Por meio desse discurso, o jornalismo reivindica a capacidade de identificar as ocorrências da realidade e reproduzi-las por meio de notícias” (BRIXIUS, 2006, p. 15).

Já Tuchman (2016) destaca que os jornalistas lutam para chegar na objetividade, afirmando que os perigos podem ser amenizados se seguirem as estratégias de trabalho, denominadas por eles como objetivas. “Eles defendem que, se todos os repórteres reunirem e estruturarem os ‘fatos’ de um modo descomprometido, imparcial e impessoal, os prazos serão respeitados e os processos de difamação evitados” (TUCHMAN, 2016, p. 115).

Para Amaral (1996), os editores dos veículos de comunicação recomendam desde sempre que os repórteres sejam objetivos, assim como os manuais jornalísticos sempre trazem o objetivo. O autor expõe que o conceito é visto como uma das virtudes

básicas de um jornalista, e que essa noção está presente em todas etapas da matéria, desde a pauta até o tamanho.

É um ideal a ser atingido: “Uma questão de honra, [...], uma paixão do jornalismo do século XX, embora, desde a sua incorporação, tenha sido confrontada com o seu contrário, a subjetividade” (AMARAL, 1996, p. 18). De acordo com o autor, as pessoas têm suas ideias, preconceitos, preferências e suas crenças. Amaral (1996) pergunta se é possível o ser humano descrever as coisas como são, independente da relação com elas:

O espírito humano é malha de crença e desejos, capaz de ser recompor permanentemente, a fim de se acomodar a novas atitudes. Na apreciação da realidade, nele misturam-se fatos e valores, e dele se exige o exercício da dissociação. Somos prisioneiros de sistema de valores adquiridos. Os nossos atos são influenciados, quando não determinados, por nossa maneira própria de ver, sentir e reagir à ação dos agentes externos (AMARAL, 1996, p. 18).

O autor explica que as pessoas são guiadas por sua raça, idade, sexo e classe social, reagindo conforme a educação e os exemplos utilizados dentro de casa e na escola. Amaral (1996) ainda expõe que do jornalista é exigido isenção e imparcialidade. Assim, a luta do profissional vai além da sua formação, posição e preconceitos, atinge também a sua criação na hora de relatar uma notícia.

De acordo com Amaral (1996), o mundo está repleto de preconceitos raciais, sociais, ideológicos, políticos e religiosos, rotulando as pessoas perante os seus comportamentos. “Rotula-se cada um, marca-se, carimba-se e, daí por diante, não importa qual seja o seu comportamento, a apreciação está feita” (AMARAL, 1996, p. 52). O autor ainda afirma que afastar os preconceitos é uma tarefa árdua, incorporando no indivíduo e ditando os seus atos.

Brixius (2006) apresenta outro ponto de vista. O autor afirma que é um erro pensar que o conceito é a negação da subjetividade. “A objetividade surge justamente do reconhecimento de que a subjetividade é inevitável, pois é possível separar o indivíduo de sua história, suas experiências pessoais. Em um mundo onde os fatos não falam por si só” (BRIXIUS, 2006, p. 19-20).

O autor ainda traz que os fatos não falam por si, as notícias são resultado da percepção consciente ou inconsciente. Ele acrescenta que são necessários métodos para assegurar as condições para o exercício da função. “Desenvolver métodos de trabalho a fim de dar condições à prática profissional dos jornalistas, assegurando o distanciamento

na cobertura” (BRIXIUS, 2006, p. 19-20). O autor também completa afirmando que o conceito mantém o status de profissionalismo do jornalista.

Brixius (2003, p 23-24) aponta:

A teoria da objetividade entra em choque com outras tendências do jornalismo, como o de *cão de guarda* ou *quarto poder*, muito mais assertivo, com tomada de posições claras. Além disso, há casos, como a violência contra crianças, em que não há parcialidade e sim tomada de posição, provavelmente advindas de um senso comum estabelecido.

Outro ponto apontado por Brixius (2006) é a persuasão, os veículos afirmam que só querem contar os fatos como são, contudo, para o autor, isso é uma técnica para enganar o público. “Os jornalistas e os veículos se autoproclamam sem interesse, a não ser como de contar os fatos como são. Para isso, dizem não ter paixões, convicções, filiações políticas, religião ou teoria” (BRIXIUS, 2006, p. 24). Ele aponta que uma das técnicas de persuasão é ter um comunicador in loco. “Jornalista cobrindo determinada ocorrência in loco, passando a mensagem ao público o qual deve confiar no relato, pois há um repórter no local”.

Demeneck (2009) indica que “quanto mais a noção do jornalismo for ativa e investigativa, menos importância se atribui à objetividade” (DEMENECK, 2009, p. 55). O autor também afirma que o entendimento do termo varia em cada país. Os inglês e os norte-americanos têm uma posição mais conservadora. “Norte-americanos e britânicos tendem a uma noção conservadora, eles enfatizam a função dos meios noticiosos como um comum portador localizado entre grupos de interesse e o público”. Já para os jornalistas da Europa Continental “a tônica é investigar as afirmações desses grupos de interesse e captar os fatos ‘verdadeiros’ e ‘duros’ da cena política” (DEMENECK, 2009, p. 55). Ao final, os entrevistados dos quatro países da entrevista apontaram que os veículos de comunicação possuem uma certa objetividade. Para Tuchman (2016), as dificuldades dos profissionais foram apaziguadas pela fórmula: quem, o quê, quando, onde, por que e como. Para a autora, é assim que o comunicador pode ser objetivo.

A objetividade jornalística para Melo (2006) está nas habilidades instrumentais, tais como: ver, ouvir, avaliar, comparar, descrever, explicar, precisar e comprovar. O autor traz o termo que se fundamenta em três valores jornalísticos.

- *veracidade* (circulação ao real, factível, comprovável),
- *clareza* (identificação dos elementos que permitem ao interlocutor a reconstituição integral do objeto narrado) e
- *credibilidade* (apresentação de indícios e evidências suficientes para suscitar a confiança coletiva). Não se pretende que a narração objetiva exclua o testemunho do próprio jornalista, que muitas vezes diverge ou conflita com suas fontes. Mas se exige que o jornalista exponha o que apurou pessoalmente, como e onde, e o que relataram os personagens envolvidos nas ocorrências ou que as observam circunstancialmente (MELO, 2006, p. 50).

A objetividade não anula a opinião do profissional, porém o autor afirma que existem espaços especializados para isso, que a notícia exige uma fonte que comprove os fatos. Melo também relata que o árbitro da objetividade jornalística é o cidadão. Ele é capaz de ter vários acessos, e considerando o mais correto, abordando a pluralidade de canais, trazendo inúmeras abordagens.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista a objetividade jornalística envolvida na História em Quadrinhos *Marvels*, neste capítulo são analisados três trechos, do segundo ao quarto (e último) capítulo do livro, que apresentam situações relacionadas ao fotógrafo na cobertura de notícias sobre os heróis. *Marvels*, maravilhas em inglês, relata os fatos dos super-heróis na visão de uma pessoa comum, sem poderes e habilidades. Inicia em 1939, com Phil no começo da sua carreira de fotógrafo em Nova Iorque. No auge da Segunda Guerra Mundial, a vontade do profissional era estar na Grande Guerra, até que um fato inesperado ocorre em sua cidade, o surgimento do primeiro herói. O livro mostra fatos importantes do Universo da *Marvel*, desde o primeiro herói: Tocha-Humana e até 1974, com novos acontecimentos e super-heróis.

No segundo capítulo, o foco do livro segue com o repúdio da população nova iorquina aos X-Men, também conhecidos como mutantes. Nesse momento os humanos estão divididos entre amar ou odiar os heróis e os mutantes viviam isolados. O fotógrafo os encontra ao sair de uma reunião e avista uma movimentação na rua. Com a câmera na mão e percebendo que a situação poderia ser um fato de interesse público, ele segue o fluxo das pessoas. Os boatos eram de que os mutantes tinham derrubado um homem de um andaime. Os moradores encurralaram os X-Men e falaram palavras como “assassinos” e “mutantes nojentos”. Phil acompanha a revolta de perto até que ele se deixa levar pela

situação e atinge os mutantes com um tijolo. Quando os X-Men foram embora, o fotógrafo percebeu o que fez:

Figura 1 – HQ Marvels



Fonte: HQ Marvels

Com o trecho apresentado pode-se se observar, conforme aponta Melo (2006), que os fatos são sagrados, que o jornalista não pode interferir neles por meio da imprensa. O autor afirma que o profissional deve exercer o seu ofício com exatidão e precisão, mantendo a neutralidade e a imparcialidade.

“A questão da objetividade nasce, portanto, com o próprio jornalismo. Reproduzir o real por intermédio da lente de aumento da imprensa significa ser fiel aos acontecimentos, permitir que eles ganhem repercussão pública exatamente como ocorreram” (MELO, 2006, p. 38). Ao contrário do que o autor ressalta, Phil se envolveu durante a cobertura de um fato por meio de um impulso, deixando de lado o seu profissionalismo. Em contrapartida, Amaral (1996) frisa que obediência a objetividade torna os repórteres como garotos de recados.

“Não fazia a notícia, só relatava”, foi o pensamento de Phil logo após o episódio com os X-Men, reforçando o pensamento de Brixius (2006), que aponta as matérias sendo produtos de escolhas subjetivas do jornalista, que contribuíram para o discurso de objetividade. Segundo o autor, é por meio da objetividade que se atinge a fidelidade do fato, e a realidade é incapaz de ser apreendida, não apenas por profissionais da comunicação, mas também pela sociedade como um todo.

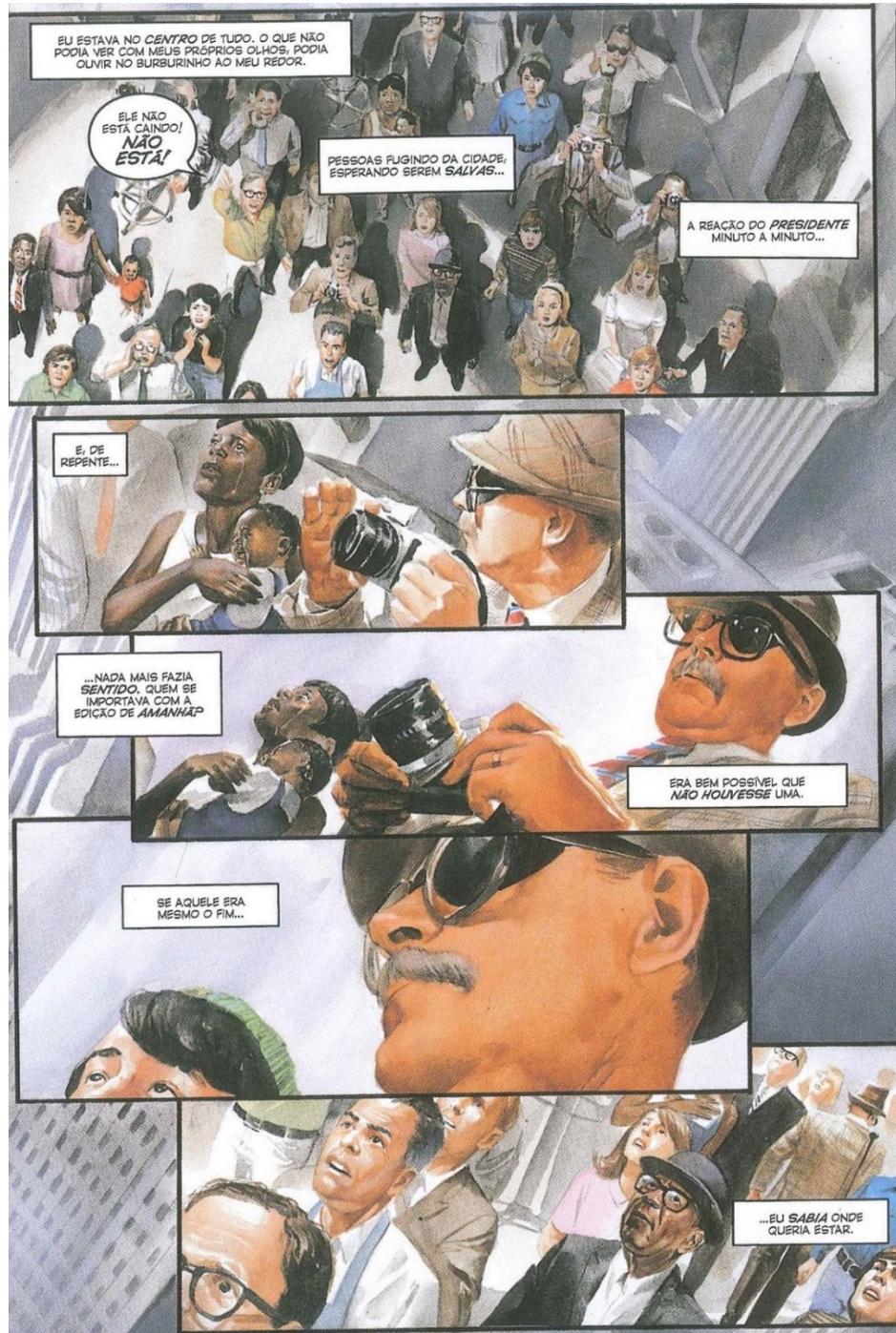
Em um mundo onde os fatos não falam por si só, mas são resultados de construção, consciente ou inconsciente, é preciso desenvolver métodos de trabalho a fim de dar condições à prática profissional dos jornalistas,

assegurando o distanciamento na cobertura. [...] A objetividade pode ser considerada como inatingível, mas os procedimentos recomendados fazem com que o profissional procure se aproximar dela (BRIXIUS, 2006, p. 19-20).

Neste trecho, Phil tinha acabado de sair de uma reunião, quando o seu instinto o levou a seguir a multidão para cobrir um novo fato. Segundo Brixius (2006), os métodos de trabalho devem dar condições de distanciamento do profissional da cobertura. Mas Phil seguiu a subjetividade e se tornou notícia junto com o acontecimento, porém ele tinha consciência do seu ato. Phil tinha conhecimento das regras jornalísticas e se sentiu também culpado por agir sem pensar.

No decorrer da história, o fotógrafo tem a oportunidade de fazer um livro com os seus registros fotográficos e textos sobre as maravilhas. Para aperfeiçoar as habilidades como escritor, ele foi convidado para cobrir o casamento de Reed Richards e Susan Storm, membros do Quarteto Fantástico, sendo considerado o evento da década. Após cobrir o evento, Phil Sheldon está num restaurante para entregar os filmes para o seu editor. Nesse instante, o Professor Xavier, líder dos X-Men, aparece na televisão para dizer que os mutantes não queriam dominar a raça humana, já que a população temia por isso. Até que no meio da sua transmissão aparecem os sentinelas, que perseguiram os mutantes. Com o aparecimento dos novos personagens, a população entrou em estado de paranoia e começa a atacar uns aos outros. Phil saiu do seu local e foi para as ruas cobrir os acontecimentos.

Figura 2 – Marvels 3 Invasão de Galactus



Fonte: HQ Marvels

Na quarta passagem escolhida para análise, Phil agora se encontrava onde as coisas estavam acontecendo, os fatos apresentados na Figura 3. Com sua câmera e sentindo a reação ao seu redor, ele viu que cobrir a invasão e a briga entre heróis e vilões não faziam mais sentido, parado ali ele sabia onde queria estar, e não era no seu papel de

jornalista. “Quem se importava com a edição de amanhã? Era bem possível que não houvesse uma”. A situação não estava fácil para o Quarteto Fantástico, Galactus estava ganhando e Phil abandona sua pauta e volta para a sua família, acreditando que poderia ser o fim da humanidade.

Sobre a relação entre o pessoal e o profissional, Amaral (1996) traz outra questão sobre o conceito. O espírito humano é uma malha de crenças e desejos que se transformam em novas atitudes. Para ele, a realidade se mistura com fatos e valores e exige-se que os profissionais se distanciem desses dois elementos. O autor também explica que as pessoas são prisioneiras de valores adquiridos. No primeiro momento Phil seguiu os seus princípios como repórter, mas quando percebeu que isso poderia ser o fim, a edição de amanhã, como ele próprio afirma, perde a importância. Os seus valores como ser humano falam mais alto e a sua atitude deixa de ser de um repórter objetivo.

Reagimos segundo nossa raça, sexo, idade, classe social, preferência política e crença religiosa. Reagimos geralmente de acordo com a classe que pertencemos, com a educação e os exemplos de casa, da rua e da escola, e sob a influência das nossas amizades. Todos temos os nossos preconceitos, idiosincrasias, preferências, nossa maneira de reagir aos estímulos e às provocações externas (AMARAL, 1996, p. 18).

Como apresenta o autor, é possível o ser humano descrever as coisas como são independentes do vínculo que se possui com elas. No caso de Phil, as suas crenças, suas vontades, exemplos e suas experiências de vida foram decisivas no momento de escolher. O estímulo da invasão de Galactus e o sentimento do fim do mundo que assolou a população fez o fotógrafo perceber que a sua casa era sua preferência.

No último capítulo de *Marvels*, Phil já está mais velho e perto da aposentadoria. Mas o mundo dos heróis não tinha parado e, nesse período, outro fato importante ocorre. O jornal Clarim Diário, no qual o personagem trabalhava, fez que o Homem-Aranha fosse o assassino do capitão de polícia, George Stacy. Phil já estava cansado de as maravilhas serem insultadas e todos caracterizá-las como vilãs, monstros ou assassinas.

O fotógrafo, ao contrário da linha editorial do seu jornal e da opinião da maioria da população que acreditava na culpa do Homem-Aranha, decidiu inocentar o herói e mostrar a real história.

Figura 3 – Marvels 4 Homem-Aranha é um assassino



Fonte: HQ Marvels

Demeneck (2009) também indica que “quanto mais a noção do jornalismo for ativa e investigativa, menos importância se atribui à objetividade” (DEMENECK, 2009, p. 55). O autor retrata como Phil Sheldon está nesse momento da história, a objetividade não aparece, pois ele está investigando, juntando provas e tendo um olhar diferente daquele apresentado pelo jornal no qual trabalha.

De acordo com Melo (2006), o jornalista pode expressar a sua opinião, mas em locais reservados para isso, e não em matérias. Mesmo no meio do seu conflito pessoal, Phil seguiu suas orientações como jornalista: fazer um artigo opinativo, ilustrando a sua opinião. “Não se pretende que a narração jornalística exclua o testemunho do próprio jornalista, que muitas vezes diverge ou conflita com suas fontes. Mas exige que o jornalista exponha o que apurou pessoalmente” (MELO, 2006, p. 50). Dessa forma, Phil Sheldon encontrou uma nova forma de inocentar o Homem-Aranha.

Mas ele não coloca em prática seu intento, a história acaba sendo levada para outro caminho. Quando estava com a filha do capitão, Gwen Stacy é sequestrada pelo Duende Verde e o Homem-Aranha surge e os dois lutam. O vilão esverdeado a joga da ponte, e o Homem-Aranha não consegue salvá-la e Phil Sheldon assiste a toda a cena. O personagem fica arrasado com o acontecimento e perde a esperança novamente no jornalismo e também nos heróis. A morte da jovem o fez encerrar a sua carreira e pedir a aposentadoria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou a história em quadrinhos *Marvels* usando principalmente a linha da objetividade jornalística de Amaral (1996). O personagem se afeta ou se deixa levar no decorrer dos capítulos pelos acontecimentos ao seu redor ou por uma reação de terceiros. O objetivo do artigo era identificar como o conceito está presente nos fatos que envolvem o Phil Sheldon e o seu comportamento.

O fotógrafo é a representação de um jornalista profissional na vida real, e mesmo dentro da história é um retrato diferente de outros jornalistas apresentados pelas HQs. Como no caso de Superman e Homem-Aranha, jornalistas e fotógrafos durante o dia e heróis durante a noite, Phil Sheldon é a construção de um personagem real que tem dúvidas, sentimentos, questionamentos e age por impulso.

Com base no estudo do Amaral (2006), as pessoas têm suas crenças, educação, ideologia, uma carga emocional e intelectual, que os jornalistas não podem anular durante os relatos de uma notícia. É isso que Phil mostra durante a sua trajetória, no primeiro momento ele viu os heróis como perigosos, assassinos e não acreditava na salvação, e já em outros ele colocava toda a sua fé na força e coragem destes.

Muitos autores apresentados trazem a objetividade como algo que mantém o jornalista na linha do texto objetivo, com regras de produção estabelecidas e a imparcialidade que é fundamental para o profissional nesta área. A objetividade seria um caminho fácil, onde se relatam os fatos sem se impor e sem ferir a opinião do leitor, o qual acredita na veracidade dos fatos escritos. Phil Sheldon em vários momentos sustenta essa linha, principalmente em um dos pensamentos dele: “A caminho de casa me perguntei por que tinha agido daquele jeito, eu era um jornalista, não fazia notícias... só relatava”. Assim, traz novamente o pensamento de Amaral (2006), “o espírito humano é malha de crenças e desejos”. Sheldon não foi passivo em muitos pontos analisados, deixando de lado a questão que o jornalista apenas relata os fatos e não se envolve neles.

Com isso o artigo conclui que a objetividade não é plena e completa na vida do jornalista, na ficção quanto na vida real. A subjetividade estará sempre na construção das histórias feitas por esses profissionais, mas o caminho é evitar que isso transforme o texto, a produção e os meios. A subjetividade estará lá, mas a imparcialidade ainda é importante no meio jornalístico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Moysés. **Histórias em quadrinhos e educação infantil. Psicologia: ciência e profissão**, v. 21, n. 3, 2001, p. 2-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932001000300002&script=sci_arttext> Acesso em 6 maio 2018.
- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Sagra-DC Luzzato Editores, 1996.
- ARANHA, Gláucio; MOREIRA, Mariana; ARAÚJO, Paula. **Adaptações cinematográficas e literatura de entretenimento: um olhar sobre as aventuras de super-heróis**. Intexto, n. 20, p. 84-101, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/10320>> Acesso em 6 maio 2018.
- BRIXIUS, Leandro José. **Objetividade jornalística: um estudo a partir das rotinas de produção das editorias de política de Zero Hora e Correio do Povo**. 2006. Disponível em <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/Objetividade%20jornalística.pdf>> Acesso em 28 abr 2018.
- CHAGAS, Luciana Zamprogne. **Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos**. Revista Sinais-ISSN: 1981-3988, v. 1, n. 03, 2008. Disponível: <<http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/2865/233>> Acesso em 25 de ago 2018.
- DEMENECK, Ben-Hur. **Objetividade jornalística: o debate contemporâneo do conceito**. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93112/278470.pdf?sequence=1&isAllo wed=y>> Acesso em 28 abr 2018.
- MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. Editora Paulus, 2006.
- PATO, Paulo Roberto Gomes. **História em quadrinhos: uma abordagem bakhtiniana**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3523>> Acesso em 6 maio 2018.
- SANTOS, Lucas Nascimento; REIS, Marcelo Rodrigues; BRITO, Marcelo. **A jornada do herói na história em quadrinhos Marvels**. In: Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Disponível em <<http://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/10605>> Acesso em 25 ago 2018.
- SILVA, Elcio Eduardo da. **Namor, Tocha Humana e Capitão América em Marvels: ao lado dos aliados na 2ª Guerra Mundial**. 2008. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0894-1.pdf>> Acesso em 6 maio 2018.
- TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Editora Insular, 2016.